"IN MEMORIAM" DO MESTRE SARAIVA LEÃO

PARSIFAL BARROSO

Creiam-me que se não nutrisse em mim a fé no mais esquecido dogma do nosso Credo — a Comunhão dos Santos — e não me atreveria a evocar como ora o faço, a presença saudosa e inefável do nosso amigo e Mestre, João Batista Saraiva Leão, sentindo-a bem junto a nós, através desses fraternos e santos sentimentos que ora nos unem nesta VI.ª Convenção da notável família de que foi lustre fulgente.

Em plena sintonia com essa comunidade, muito me apraz interpretar esses sentimentos de todos os Saraiva nesta singela solenidade em que se homenageia sua memória, para sempre veneranda.

Merece-a, não há negar, nosso preclaro e insigne homenageado desta noite, tanto mais quanto foi o saudoso Mestre Saraiva Leão, dentre os intelectuais de minha geração, aquele que mais e melhor sobre a vida e a obra que julgou dignos de sua exaltação, retratando-os em incomparáveis biografias, como se trouxesse para o plano do espírito suas admiráveis habilidades de fotógrafo.

Sempre soube expressar e estampar à maravilha o valor daqueles que foram para si seus paradigmas, como o fez em honra a seu pai e a amigos como Hélio Góes Ferreira, Antônio Furtado, Fernandes Távora e José Martins Rodrigues, dentre os muitos que retratou, por amor à verdade, em estilo perfeito e com uma perdulária abundância d'alma.

Desde que nos conhecemos, logo que se reencontrou com sua família, em Fortaleza, passei a admirá-lo também como um padrão paradigmático para a minha vida, quer fosse através de sua exímia ciência médica ou de sua formação cristã e humanista, aliada ao mais alto valor intelectual.

Dentro dessa tríplice e constante admiração é que se foi cimentando nossa perfeita amizade, ao longo de muitos anos de fraterno convívio, principalmente como colegas de magistério, no Colégio da Imaculada Conceição, antes que fôssemos alçados à Universidade.

Embora nascido sob o signo de Natal, e tivesse no seu íntimo a essência do ser cristão, o Mestre Saraiva Leão sempre se destacou como um servo do trabalho, dedicado e fiel à faina de todos os dias, laborativa e criativamente, lutando como um bom gigante para vencer, preso inteiramente ao labor e à criação.

Jamais conheci mãos mais hábeis e diligentes, quer o visse a manejar seus instrumentos de otorinolaringologista e de mestre de Anatomia, ou o admirasse como perfeito fotógrafo ou consumado escritor, e bem poderia ter adotado como seu lema o **Labor et Opera.**

Onde esteve, por onde passou e aonde servia, deixou sempre a marca de amar as tarefas do árduo trabalho, a ponto de esconder suas canseiras, dando-se a todos, perdulariamente.

Desde quando Prefeito de alunos no Instituto Miguel Borges, até suas últimas atividades como zeloso médico e preclaro professor, nosso homenageado sempre foi um servo dos seus deveres e um cumpridor de tarefas. Por isso, até que se graduasse em Medicina, estudou trabalhando, a exemplo do saudoso Presidente Juscelino Kubitschek funcionário dos Correios e Telégrafos, como o grande estadista o foi.

O amor do detalhe, a percuciência da minúcia e o joeiramento das formas são privativos do anatomista que se nutre das melhores letras, como Inácio de Menezes, Vinelli Baptista

e Saraiva Leão, todos lingüistas puros e notáveis estilistas, embora as gravezas da anatomia.

Melhor será que agora apreciemos seu modo próprio de se retratar, na carta que fez a Quixadá Felício, outra saudade do meu coração, ao se tornar Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará, que muito honrou e elevou: "A minha formatura não seria a obtenção de um diploma para dar direito a um anel e ao título de doutor! Era o desfecho de uma vocação inabalável que nunca me abandonou e a necessidade imperiosa de sustentar uma família, já era começo, e que ficara como disse você, magnificamente, aqui em Fortaleza, engordando com o feijão do Padre Mini, hoje Monsenhor Geminiano Bezerra, meu cunhado, e que foi meu Cirineu naquela empreitada e o segundo pai dos meus filhos! Aqui, sim, Quixadá, eu fui brilhantíssimo de coragem e energia. Trabalhei, trabalhei.".

Quando se formou na Bahia, em 1932, já era pai de quatro filhos, criados na gasalhosa companhia do incomparável Padre Mini, raro exemplar de autêntico sacerdote, cujo espírito ainda sinto adejar na Igreja do Patrocínio.

Seu caráter adamantino foi blindado em uma fé robusta e numa férrea força de vontade, que lhe permitiu vencer galhardamente todas as lutas de sua vida, sempre com um sorriso a expluir-lhe de sua face de bom gigante alegre, simpático e dadivoso.

Já apontei o fio secreto e invisível que, desde o Natal de sua vida, o levou a realizar o ideal de sua vocação médica, palmilhando à justa os caminhos de sua vida, enquanto deixava em nosso favor um luzeiro de lições várias, como presença viva do seu ideal e de sua fé.

Seu humanismo era totalmente centrado no seu divino protótipo, Jesus Cristo, Filho de Deus, e nosso Irmão. Há uma passagem de sua vida, que fez aumentar a admiração que lhe devotei, crescentemente.

Quando o inesquecível Jurandir Picanço lançou as primeiras pedras de nossa benemérita Faculdade de Medicina, Saraiva Leão foi seu dedicado colaborador da primeira hora, e numa prova do quilate do seu valor quis logo se dedicar a uma das disciplinas básicas mais difíceis — a Anatomia —, longe de pleitear a disciplina de sua especialidade profissional.

Sempre divisei nessa atitude do grande Mestre que foi Saraiva Leão, seu destemor haurido no prélio das vicissitudes iniciais, misturado ao seu amor pela perfeição da forma e do detalhe, que o levou a ser um grande anatomista e um Mestre respeitado da Língua Portuguesa, como esmerado escritor do mais puro quilate.

Recordo-me de que fui, então, ao seu anfiteatro de Anatomia para o louvar pela decidida escolha que fizera, a bem da nossa Faculdade de Medicina, cuja direção também exerceu com desvelo, impregnando de humanismo cristão todas as funções que nobilitou, como se as executasse sempre ao nível de um sacerdócio, digno da 'gens e lecta' a que pertenceu e lhe garantiu sua eterna bemaventurança.

Pertimo-me ressaltar, agora, outros aspectos do seu humanismo, como foi seu extremado interesse pelo maior desafio jamais lançado à consciência nacional, que é o problema grave e algo enigmático da Amazônia, revelado na descrição que fez pelo meado dos levantamentos feitos pelo Projeto RADAM.

Assim como se encantava com a nossa Amazônia, do mesmo modo descobriu encantos amáveis na rendeira, a rainha do nosso artesanato, e também soube levantar a reconstituição histórica do que ocorreu em Baturité, na queda do governo Accioly, imparcialmente, referindo-se ao assassinato de Manoel do Rego, como o de "uma vítima, quem sabe, de um mal entendido, de uma falta de reflexão de algum apaixonado da revolução vitoriosa".

Cuido não incidir em erro se externar meu apoucado juízo sobre sua produção literária, admitindo que seu melhor e mais perfeito ensaio será sempre o escrito, em 1972, sobre a

vida e a obra de Antônio Furtado, extraordinário valor nosso, muito pouco conhecido e ainda menos estudado.

E somente se atreve a falar da maior cabeça que houve na família Furtado, "se não fora a falta absoluta de quem quisesse ocupar-se dele, com maior eficiência".

Certo estou, entretanto, de que supriu o esquecimento dos nossos intelectuais pelo mais robusto talento da geração a que pertenço, levantando o pedestal de sua glória, com rara mestria, enquanto preparava a comemoração do centenário de nascimento de Antônio Furtado, a ocorrer a 14 de junho de 1983.

A esse tempo, nossos juristas e homens de letras irão abeberar à fonte dos ensinamentos deixados pelo nosso Saraiva Leão, em sua obra-prima literária.

Cumpre-me, finalmente, encerrar essa agradável viagem pelo universo científico, literário e humanista do admirável quixeramobinense, cujo perfil tentei bosquejar, muito ao de leve, por me faltarem vagares que me permitissem aprofundar mais essa despretensiosa apreciação.

Aplica-se-lhe, por inteiro, o que ele disse da vida de Fernandes Távora, quando do seu falecimento, em setembro de 1973: "Não foi em vão que viveu tanto, este homem de tantos predicados".

Tentei esboçar seu perfil gigantesco, por forma possível, retribuindo-lhe o muito que dele recebi, a ponto de ainda me considerar seu devedor insolvável.

Cuido ser de melhor aviso encerrar essa homenagem de justiça, de que me incumbiu Fernando Câmara, com os magníficos versos do soneto "Última Verba", do imortal Antônio Sales, escolhidos por Saraiva Leão para enaltecer a memória do seu amigo Professor Antonele Bezerra, um dos mais autênticos valores do nosso mundo jurídico, pois me parecem bem adequados ao nosso querido homenageado, como se houvesse sido entretecidos, em sua honra, também, qual uma coroa de triunfo que lhe ajustássemos à sua fronte de bom gigante:

"Oh! há coisas que a morte não consome!
Aos teus deixaste a glória do teu nome
Brilhante, puro, eternamente vivo."

PARSIFAL BARROSO

(Conferência pronunciada na 6.ª Convenção da Família Saraiva Leão realizada em Baturité, em homenagem ao Prof. João Batista Saraiva Leão)

Palestra proferida, no Instituto do Ceará, pelo sócio efetivo, Raimundo Aristides Ribeiro, por ocasião da confraternização do Natal de 1982.

NAS FESTAS NATALINAS DE 1982

A confraternização de Natal, nestes últimos anos, vem-se tornando louvável tradição para os sócios do Instituto do Ceará.

Para este ano, a Diretoria se empenhou no sentido de ampliar esse congraçamento mediante o comparecimento das famílias dos associados.

Ficou estabelecido também que um dos sócios deveria interpretar o sentido destas Festas Natalinas.

E como eu houvesse sido anteriormente designado para apresentar a efeméride referente ao mês de dezembro, e nada havendo de maior destaque na História Humana do que o Nascimento de Jesus Cristo, fácil se tornou transferir, para a oportunidade desta confraternização, as reflexões a respeito do maior acontecimento da humanidade.

O ASSUNTO É PERTINENTE

É evidente que o assunto, à primeira vista, poderá ser considerado trivial, vulgar, já tantíssimas vezes desenvolvido através de sermões e debatido em polêmicas diversas, ou até mesmo, talvez estivesse fora do objetivo a que se propõe o Instituto do Ceará, isto é, a inconveniência de envolver assunto de cunho religioso, de vez que nem todos os consócios possuem a mesma confissão religiosa.

Entretanto, pretendo demonstrar que a matéria, ora versada, nada possui de **impertinente** com relação às finalidades do Instituto.

Muito pelo contrário, aceito até o desafio de mostrar como ou de que maneira a História profana pode conduzir às mais seguras conclusões a respeito da vinda de Jesus Cristo.

Infelizmente, no tempo destinado a comemoração desse tipo, não me é possível desenvolver um tema que requer aprofundamento mais detalhado.

Vou procurar resumir o **quantum satis**...

A IDÉIA DE UM SALVADOR

Os pesquisadores dos acontecimentos históricos dão-nos conta da existência da crença em certo **personagem muito especial**, que deveria surgir no decorrer dos tempos, a fim de se tornar o Condutor de Povos, e, por essa razão, seria chamado de **Salvador**, de **Redentor** e **Desejado das Nações**.

Assim, a idéia desse personagem nos teria chegado do fundo das mais recuadas eras, e teria sido detectada até mesmo nas culturas mais rudimentares.

Vejamos em que bases a razão ajuda a Fé.

A RAZÃO AJUDA A FÉ

Iniciemos pelo **Gênesis**, o primeiro livro da Bíblia, que, logo no inicio, nos fala da grande promessa da Encarnação do Filho de Deus. Por meio da mulher culpada havia entrado o pecado no mundo; por meio de Mulher Imaculada teria de vir a Salvação. Adão e Eva sairam do Eden com a fé na promessa do futuro Redentor.

PRIMEIRA OBJEÇÃO APRESENTADA E REFUTADA

Inúmeros contestadores do Cristianismo alegam que essa idéia de um Libertador, de que trata a Bíblia hebráica, teria sido "copiada" de outras crenças antigas existentes até mesmo no remoto Oriente, na China e na Índia.

Ora, nós simplesmente, invertemos o capcioso "argumento".

Ao invés de se falar em "cópia", admita-se que essa crença no Libertador prometido estava sempre presente no **consenso comum da humanidade primitiva**, pois era encontrada, como significativa tradição, na História de todas as nações antigas.

É verdade — como muito bem acentua o grande Bossuet — que essa tradição não se conservou sempre pura, confundiu-se, por vezes e lamentavelmente, com as superstições; corrompeu-se com erros diversos, mas não se extinguiu. Alternou-se, mas não se perdeu.

A EXPECTAÇÃO MESSIÂNICA UNIVERSAL

Embora a oportunidade não me permita dedicar maior destaque à origem sobrenatural do profetismo israelítico (porquanto tal incursão daria a esta despretensiosa exposição acentuado caráter apologético) não é possível sonegar, aos que me dão a honra de sua obsequiosa atenção, o conhecimento daquele estado de permanente, persistente, multissecular e quase universal espera por esse **personagem muito especial**, a quem os povos antigos aguardavam com ansiedade e profunda reverência.

Examinemos de que maneira a idéia messiânica vem confirmada em inúmeros documentos profanos e das mais desparatadas origens.

NO ORIENTE E NO OCIDENTE

De-feito, na China, cinco séculos antes de Cristo, Confúcio saudava o **'verdadeiro Santo que viria do ocidente'**. Na Pérsia (Irã) a lenda de Mitra, mediador entre o Criador e o **homem culpável**, é, sem dúvida, um reflexo da expectativa do povo hebreu e, até mesmo, da **queda** do primeiro casal no Eden. Na **Grécia**, Ésquilo saudava, pela boca de Prometeu, o gigante indomável, o Deus que substituiria Prometeu nos seus sofrimentos e desceria por ele até o fundo dos abismos; Aristóteles via nele o **"Libertador**, o verdadeiro Salvador"; Platão assegura que "um Deus gerado viria ensinar os mortais", e o chama **'Verbo'**, o **Salvador.**

DESTAQUE PARA VIRGÍLIO

Em Roma, Virgilio, poeta e cidadão douto em letras clássicas, chegou a anunciar a aparição de uma **Virgem** e o **nascimento do Infante**, em alusão à antiga história vinda dos antepassados dos romanos.

Eu não resisto à satisfação de excitar a curiosidade dos ouvintes ao indicar o próprio texto da IVa. **Bucólica**, onde o poeta pagão canta a sua predição quarenta anos antes do Nascimento de Cristo:

'Ultima Cumaei venit jam carminis aetas,
Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.
Jam redit Virgo, redeunt Saturnia regna
Jam nova progenies caelo demittitur alto.
Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
Desinet ac toto surget gens aurea mundo.'(...)

Por êsse início da IVa. Bucólica vê-se a clara referência do poeta à **Virgem**, ao **Menino** e à volta ao "século de Astréa", a idade de ouro dos tempos venturosos: Assim poderíamos chegar a uma tradução mais livre semelhante a esta:

Chega por fim a idade prometida
Nos versos da Cumea; novos séculos
Vão descerrar-se em majestosa série.
Astréa volta. Voltam de Saturno
Os tempos venturosos; raça nova
O' homens, nos manda agora o céu supremo.
Concede teu favor, casta Virgem
Ao menino que nasce. ele no mundo,
Extinguindo primeiro os feros dias,
Fará surgir os séculos dourados.

Na verdade, Senhores, não vejo tão grande diferença entre o "predito" pelo poeta pagão e o anúncio dos Profetas de Israel...

OUTROS EXEMPLOS DESSA EXPECTAÇÃO

Mas, examinemos também as manifestações de outros romanos ilustres, preocupados com a mesma **expectação messiânica**, igualmente impressionante e misteriosa: **Cicero** dizia que as **sibilas** multiplicavam os oráculos anunciando a próxima vinda do Rei; **Suetônio (in** "Vida de Vespasiano") escrevia que "em todo o Oriente se espalhava a antiga e constante opinião de que homens saídos da Judéia tomariam a direção do mundo"; **Tácito (in** "História dos Imperadores") repete o mesmo testemunho.

E, o que é mais extraordinário ainda, é a surpresa de nos depararmos com as confissões "involuntárias" e até mesmo "desapercebidas" dos próprios racionalistas — consoante afirma Lacordaire — "jungidos pela evidência dessa quase una-

nimidade sobre a expectação do Messias, Voltaire, talvez o mais ferrenho inimigo do Cristianismo (pois, já à morte, esbravejava que se lhe dessem mais vinte anos de vida, ele destruiria "a infame", ao referir-se à Igreja Católica) esse nacionalista chegou a declarar: "De tempos imemoriais esteve em voga, junto aos Hindus e Chineses, a máxima de que o "Sábio" viria do ocidente. A Europa, ao contrário, tinha para si que o "Sábio" viria do oriente."

Só não se conhece a verdadeira identidade atribuída por Voltaire a esse "Sábio"... Se não era Jesus Cristo, talvez fosse ele, o próprio... Daí a pressa em destruir o "outro"...

Como se pode observar pela colheita destes dados, é certo que se encontrava na consciência da humanidade, através de uma tradição nunca interrompida, a crença na vinda do Messias.

QUAL O VALOR DAS PROFECIAS

Não podemos dissimular a soberana importância das Profecias. Se os Profetas são apenas homens "providenciais", superdotados ou paranormais, sem missão sobrenatural propriamente dita, cai por terra a economia do Antigo Testamento. A missão do desejado e prometido Messias, a religião do Novo Testamento se apoiam nas Profecias, para as quais apelam constantemente Jesus Cristo e seus Apóstolos.

Daí o evidente interesse para os racionalistas em desacreditar as Profecias Messiânicas, através dos mais "engenhosos pretextos" e alegativas sem maior fundamento, além do preconceito engendrado, aprioristicamente, de que o "sobrenatural não existe"...

Permito-me discutir (mesmo de maneira perfunctória) uma série de objeções apresentadas pelos racionalistas, com o objetivo de lançar dúvidas sobre (ou mesmo destruir) o valor das Profecias Messiânicas.

"PROFECIAS SEM ORIGEM DIVINA"

Essa primeira objeção está umbilicalmente vinculada ao **status** geral de descrença dos racionalistas. Se eles não crêem no sobrenatural, como podem alegar a falta de uma "origem divina" para as predições dos Profetas? Como se compreender essa incoerência de alguém, que descrê de alguma coisa, e, ao mesmo tempo, espera que ela sirva de fundamento a qualquer outra?

APENAS UM FENÔMENO NATURAL...

É esta a alegativa bastante comum entre os racionalistas, que apelam para o **êxtase**, para a **demência**, ou para a **alucinação**, quando não degeneram para a **impostura** pura e simples, da parte dos videntes.

Examinemos todas essas dentre outras "válvulas de escape" pelas quais eles procuram fugir ao sobrenatural.

As revelações de Deus aos Profetas faziam-se por **visões sensíveis** (qual a dificuldade em admitir que Deus se materializasse como bem entendesse de fazê-lo, diante de um seu enviado?) ou por uma voz exterior, ou mesmo durante o **sono**, como nos diz a Bíblia, em diversas ocasiões.

Qualquer que fosse, porém, a maneira da **revelação**, nunca o **Profeta** se encontrava "fora de si", em estado de **delírio** ou de **demência**. Podiam até mesmo se achar em **êxtase**, porquanto esse estado de **enlevo espiritual** não retira a consciência. E nós temos perfeito exemplo dessa realidade através dos conhecidos episódios relacionados com os videntes de Lourdes, de Guadalupe, de Fátima, etc, quando eles sabiam perfeita e conscientemente tudo o que lhes estava sendo transmitido pela Virgem Maria.

Portanto, não só os Profetas, mas os Patriarcas (Abraão, Jacó, Moisés, Josué e tantos outros) sempre estiveram cônscios do que se passava consigo mesmos, no concernentes às visões e revelações recebidas.

ONDE AS "IMPOSTURAS" E AS "ALUCINAÇÕES".

Quanto à grosseira acusação ou suposição de serem os Profetas uns "impostores" e "alucinados", perderam elas, hoje, qualquer possibilidade de acolhimento, mesmo pelos racionalistas mais radicais.

Como poder admitir-se, por exemplo, que um "impostor", sem convicção naquilo que anunciava, pudesse submeter-se ao martírio, como aconteceu com diversos Profetas? Como aceitar que alguém possa morrer por aquilo em que não acredita?

Por outro lado, se Isaias e Jeremias fossem uns **alucinados**, seus ministérios que duraram cerca de quarenta (40) anos, teriam sido denunciados, repudiados e desmascarados pelo povo judeu. Acontece, porém, que seus escritos, sua ação, sua vida inteira junto ao povo demonstraram nesses homens um temperamento sadio, perfeitamente equilibrado, além de uma convicção racional, que nada tinha de mórbido. Seria necessário — isto sim! — que os racionalistas "explicassem" a clarividência profética desses **pretensos visionários**, bem como os milagres com que atestaram a autenticidade de sua missão.

"O PROFETISMO EXISTIA ENTRE TODOS OS POVOS ANTIGOS"...

Segundo alegam os racionalistas, mesmo nas religiões pagãs havia o fenômeno do profetismo, com seus oráculos e pitonisas. Aconteceu com os judeus que, tendo eles atingido o **monoteismo**, por experiência particular (é o que continuam repetindo aqueles que não têm outra "coisa" para dizer...), e cônscios da superioridade dessa crença religiosa, defenderam-na ardorosamente.

Evidentemente, tais alegativas não possuem qualquer força probante. Esse pretexto de "povos antigos" possuirem oráculos e pitonisas em nada afeta o valor das Profecias Mes-

siânicas, pois, ainda hoje, vemos gente considerada "ultracivilizada" profundamente preocupada com a crença nos horóscopos, oráculos, além de outras manifestações grosseiras. E é sumamente curioso observar-se que são precisamente aqueles que se dizem imunes e "vacinados" contra o Cristianismo, os que mais acreditam em horóscopos, em macumba, pai-de-santo, preto-velho e outras idiotices do mesmo jaez.

PARALELO ENTRE OS ISRAELITAS E SEUS COEVOS

Entretanto, se nos dermos à curiosidade de estabelecer um paralelo entre as predições dos Profetas israelitas e o que divulgavam os seus coevos (e alguns pertencentes à mesma raça) os **cananeus, anameus** (sirios e nabateus) **assírios, babilônios, egípcios** e até mesmo dos gregos, chegaremos à conclusão de que os judeus dispunham de uma **imensa superioridade doutrinária.** Apesar de alguns desses povos terem sido mais cultos do que os israelitas, em assuntos materiais, nas legislações e na filosofia, nenhum deles tinha leis éticas comparáveis à perfeição ideal constantemente pregada pelos Profetas judeus. Basta lembrar que o monoteismo judeu é um fato único e sem similar na história das religiões.

Além de politeistas, as crenças antigas assumiam caráter acentuadamente imoral. Os Cananeus cultuavam os deuses da sensualidade. Os Arameus, os Assirios, Babilônios e Egípcios continuaram politeistas, enquanto existiram.

O panteão babilônico possuía uma deusa dedicada à imoralidade. O apregoado monoteismo grego era simples fruto de especulação filosófica e o "Deus desconhecido", encontrado por São Paulo no Areópago, nada poderia conter do Verdadeiro Deus cultuado pelos Profetas de Israel.

OS PROFETAS SEGUNDO O "JULGAMENTO" DE RENAN...

O famoso contestador anticristão, Ernesto Renan, lançou a sua **teoria do desejo** para "explicar o profetismo". Afirmava

ele que os judeus, vivendo sempre oprimidos, persuadiram-se de que futuramente dominariam o mundo. E como, de acordo com sua anunciada teoria **"a esperança termina por criar seu objeto"**, concluía ele que o **desejo** ou a **esperança** messiânica, ou ambas conjugadas, pela ardente imaginação judaica, fabricaram o Messias...

Estariam os judeus com seus espíritos de tal maneira excitados, que, em aparecendo o Cristo, seus contemporâneos lhe atribuiram o nome e as qualidades do Messias...

No entanto, a realidade histórica do povo judeu não ajuda essa fantasia de Renan, pois, conquanto admitissem o profetismo e esperassem o cumprimento das profecias messiânicas, os judeus, na sua quase totalidade (à exceção daquele reduzidissimo grupo) não aceitaram sua verificação na pessoa de Jesus Cristo (aliás — faz-se necessário ressaltar-se) para que as Profecias também se cumprissem neste tocante...

A **"teoria do desejo"** poderia ter sido admitida pelo menos como **plausível**, se o povo judeu houvesse seguido a Jesus Cristo... Ora, se eles ainda hoje esperam o seu Messias!!...

APELA-SE PARA O "INCONSCIENTE" E O "SUBCONSCIENTE"

Muito em voga hoje, entre os materialistas, mecanicistas, fenomenistas e panteistas são as teorias do **inconsciente** e do **subconsciente**, através das quais (aliás, para nossa reflexão perfeitamente identificadas) pretendem explicar, naturalmente, todas as **revelações sobrenaturais** e suas manifestações, não só aos Profetas, como também a outros inúmeros bem-aventurados, aos quais Jesus Cristo e a Virgem Maria se revelaram em aparições maravilhosas.

Os psicólogos racionalistas pretendem servir-se das modernas teorias da **ação do inconsciente** e do **subconsciente** para explicar essas visões como se fossem fenômenos naturais.

Assim, no concernente às Profecias Messiânicas, tais relatos não seriam mais do que manifestações talvez de alguns homens de gênio, ou simples conjecturas cuja verificação provaria tão só a perspicácia de seus espíritos **superdotados**...

Examinemos a **teoria do inconsciente**, que nos parece a mais séria objeção, pois muita gente hoje vive empolgada com esses vôos da psicologia moderna... Tais "experts" descobriram que existem no indivíduo, além de sua consciência clara, outras forças subconscientes, imanentes ao sujeito, que agem por uma "cerebração" mais ou menos rápida.

As idéias — dizem esses psicólogos — amadurecem lentamente nessa região inferior da consciência (seria uma consciência **"subliminar"**) do indivíduo, e, explodindo repentinamente, emergem no campo da consciência comum. Não sabendo atinar com a origem da **"impressão"**, crê-se dominado por uma força estranha, misteriosa que, para os Profetas e Santos, vem a ser Deus.

Enfim, no caso dos Profetas, eles pregavam e anunciavam aquelas idéias que, constituindo o patrimônio comum dos semitas, viviam no subconsciente do povo. Do **inconsciente** dos Profetas essas idéias afluíam para o **consciente** sob a forma de predições, como meros **reflexos da mentalidade dos contemporâneos.**

UM DESMENTIDO À "TEORIA DO INCONSCIENTE"

O momento não comporta maior disceptação sobre o interessante assunto. No entanto, devo demonstrar pelo menos um argumento que destrói pela base essa **teoria do inconsciente** aplicada às Profecias.

Sabe-se, por exemplo, que Amós, Isaias e Jeremias predisseram, muitos anos antes, e destruição dos reinos de Israel e de Judá e o longo exilio dos judeus, indiferentes à reprovação que despertavam as suas pregações. Aqueles videntes anunciavam aquelas catástrofes em uma época de pleno apogeu dos reinos governados pelos filhos de Salomão, tempo em que "tudo aquilo parecia apenas um absurdo"...

Pergunta-se então: — onde o "reflexo da mentalidade dos contemporâneos" dos citados Profetas? Como e de que maneira aquelas idéias sobre a derrocada dos dois reinos e a escravidão babilônica poderiam ter sido **recalcadas para** o inconsciente de Amós, Isaias e Jeremias, numa época em que as mencionadas catástrofes jamais poderiam ser concebidas, sequer? Muito pelo contrário, porquanto nos diz a Escritura que aqueles Profetas chegaram a ser perseguidos por motivos das citadas predições, tendo sido vítimas de encarceramento e até ameaçados de envenenamento, como se lê em Jeremias XI, 18; XVIII, 18; XXXVII, 11; e Isaias, XXVIII, 12; e XXX, 8.

Como se observa, o pretexto, é óbvio; devendo ser excluído o Sobrenatural, apela-se para qualquer arremedo de "explicação" ou conjectura, a fim de que não se atribua às Profecias o seu **testemunho divino**, muito diferente das convicções humanas dos Profetas e de seus contemporâneos.

O MESSIAS TAMBÉM CONTESTADO...

Até aqui nós nos detivemos sobre as principais objeções assacadas contra a autencidade das Profecias Messiânicas. Examinaremos a seguir as contestações ao próprio Messias prometido, que se encontrava, como vimos, de forma difusa mas real, na **consciência universal de todos os povos.** Entretanto, antes desses esclarecimentos sobre a Pessoa de Jesus Cristo, faz-se necessário que nos refiramos ao chamamento do povo judeu.

A VOCAÇÃO DO POVO HEBREU

E para que aquela longinqua tradição se transmitisse intacta de geração em geração, e não se extinguisse no meio do paganismo, Deus elegeu o povo hebreu, a quem fez depositário da Verdade Revelada. Aquele povo escolhido foi constantemente assistido e iluminado pela Luz das Profecias, de sorte

que, no meio de suas aflições, das suas quedas e dos seus erros, nunca lhes faltou a palavra dos videntes, por meio dos quais Deus revelava os mistérios de sua inefável Providência.

OS ANTIGOS SÍMBOLOS DE JESUS CRISTO

Afirmam os Santos Padres que Jesus está presente nos séculos antigos. Encontram-n'O nas figuras patriarcais do Antigo Testemunho e nos símbolos bíblicos. A arca de Noé, a miraculosa vara de Moisés, a pedra despendida da montanha, o maná do deserto, a serpente de bronze, o cordeiro pascal são símbolos proféticos do Redentor esperado. Representam-n'O, igualmente, as grandes figuras dos patriarcas. Noé que salva a estirpe humana do diluvio: Melquisedec, que se serve da água e do vinho para o holocausto; José, vendido por seus irmãos, torna-se o salvador dos mesmos; Moisés é libertador do povo escolhido. Samuel representa a sabedoria sacerdotal; Salomão, a magnificiência real e justiça de Jesus...

A VISÃO DOS PROFETAS

Quem pode enumerar as figuras bíblicas que representam o futuro Messias? E os Profetas que, mil anos antes, O anunciaram, O viram, O contemplaram, O descreveram com minudências e O invocaram? Todos são acordes em narrar circunstanciadamente os diferentes episódios de sua vida, a sua genealogia, a sua origem humana, o nascimento, a existência privada, a pregação pública, a paixão, a morte, a ressurreição e a ascensão. Nada falta à biografia maravilhosa do Redentor, escrita que foi diversos séculos antes de sua vinda.

UM "ACORDO" ENTRE OS VIDENTES?

Mas — afirmam os incrédulos — os Profetas acordaram entre si, com o objetivo de evitar discrepâncias na narrativa... No entanto, quem examina detidamente o assunto fica

convicto de que a diversidade de tempo, de lugares e de circunstâncias tornaram impossível qualquer acordo em uma história tão completa. Basta lembrar que há profetas separados uns dos outros pelo espaço de oitocentos anos...

AS PROFECIAS TERIAM SURGIDO SOMENTE MUITO DEPOIS...

E se as profecias não são autênticas? Se elas não foram escritas na época em que se lhes atribui o aparecimento? Se as profecias são apócrifas e apareceram depois de Cristo?

A essa dúvida podemos contrapor um argumento inconfundível baseado no testemunho insuspeitíssimo da própria História Profana, que prova serem as profecias conhecidas antes da vinda de Cristo. Por esse testemunho sabe-se que, pelo menos, correram cerca de quinhentos (500) anos, desde a última predição, até seu cumprimento.

A "TRADUÇÃO DOS SETENTA"

Nenhum historiador desconhece que, trezentos anos antes do nascimento de Cristo, Ptolomeu II, rei do Egito, mandou fazer, por setenta (70) sábios do seu reino, a versão do hebraico para o grego, de todo o Antigo Testamento, inclusive das Profecias. É a célebre **Tradução dos Setenta**, a que se refere Flávio Josepho, conhecido historiador judeu, insuspeitíssimo, porque era pagão. A referida tradução, incentivada, autorizada, realizada e divulgada por pessoas não cristãs, portanto, insuspeitas, como foi salientado, teve lugar trezentos anos antes de Cristo — repetimos — e ficou como testemunho perene de autenticidade das Profecias para aqueles que pretendem recusar todos os outros testemunhos ou motivos de credibilidade!

Quero salientar um detalhe que nos demonstra a insondável Providência Divina.

Esse rei egipcio, da dinastia que sucedeu a Alexandre Magno, após a extinção do reino da Macedônia, era filho de Ptolomeu I, e tinha o epíteto de "Filadelfo", que significa "amigo de seus irmãos". Acontece que essa suposta amizade a seus irmãos é uma antífrase, com que a ironia da História o marcou para sempre, porque ele, para subir ao trono, matou dois de seus irmãos e casou-se com a irmã de nome Arsinoé.

Pois é justamente desse tirano (e talvez, por que o fosse — quem sabe?) que a Providência se serviu para provar a preexistência das Profecias Messiânicas, pois o "Filadelfo" governou o Egito do ano de 285 a 247 antes de Cristo.

APELA-SE ATÉ PARA O "ACASO"...

Em face dessa prova irrecusável, ainda insinuam alguns agnósticos que as Profecias se verificaram por acaso... Aí está uma objeção que não pode ser tomada a sério! As circunstâncias de tempo, de lugar e de pessoa, a diversidade dos instrumentos de que os videntes se serviram para realizar as suas predições, a harmonia que há nas mesmas, por si demonstra que elas não podem ser atribuídas ao cálculo dos homens e nem ao capricho do destino. Se houvesse um acaso tão extraordinário como esse, seria ainda mais misterioso do que a própria realização da Profecia.

A humanidade sempre foi assim. Muitos daqueles que assistiram às Maravilhas realizadas por Cristo não creram e as interpretaram até como obras de feiticeiro. Com a mente obnubilada pelo erro, pela ignorância e pela má fé não puderam ver a Luz da Graça.

MAS... CRISTO TERIA AJUSTADO SUA VIDA ÀS PROFECIAS...

Mas a maldade humana parece não ter limites: insinuam ainda certos livres-pensadores que Jesus Cristo, sendo um homem culto, uma inteligência privilegiada, não faz mais do

que pautar sua vida de acordo com as Escrituras... Cristo teria procurado ajustar suas atividades às previstas nas Profecias, a fim de se fazer passar pelo Messias prometido.

Ora, não é possível acolher-se tamanho absurdo! Como poderia ter encontrado um Judas que o traisse por dinheiro e depois fosse enforcar-se? Quem seria capaz de matar-se, propositadamente, para que uma profecia se cumprisse em benefício de outro? Como poderia Jesus preparar o Juízo de Pilatos, a Cruz, a condenação dos ladrões e demais episódios previstos pelos Videntes sagrados? Seria possível que Judas, Pilatos, Dimas e Gestas fossem seus coniventes e chegassem até a morrer com Ele, (como aconteceu com os ladrões), a fim de pregarem uma burla à posterioridade?

E A PREDIÇÃO DO NASCIMENTO?

E há mais extraordinário ainda! Volvamos à gruta de Belém e examinemos os mistérios realizados naquela Noite Maravilhosa! O Profeta Miquéias havia anunciado setecentos anos antes: — "Tu, Belém, és pequenina entre as cidades de Judá, mas de ti sairá o Dominador de Israel. Ele será glorificado até os últimos confins da terra e será a nossa paz".

Mas, de que família nasceria o Redentor do mundo? Profeta Isaias o previu: "Sairá uma vara do tronco de Jessé e uma flor brotará na sua raiz; e descerá sobre ela o Espírito do Senhor; será o sinal no meio das nações e os povos lhe dirigirão as suas preces". Jessé é pai de David. E qual será o ramo da família de Davi? É ainda Isaias quem vê, através dos séculos, o grande prodígio da Encarnação: — "Uma virgem dará à luz um filho que se chamará Emanoel. Esse menino será chamado Admirável, Conselheiro, Deus, Pai do Futuro Século e Príncipe da Paz".

CRISTO TERIA PREPARADO TUDO ANTES DE NASCER?...

E é no mistério da Noite Maravilhosa, precisamente, que vamos encontrar resposta definitiva para o regougo da incre-

dulidade! Perguntamos aos agnósticos como seria possível a Jesus (com o suposto objetivo de "ajustar" sua vida às Profecias) entrar em ação mesmo antes de nascer, escolhendo o lugar e o tempo, a família e a própria mãe? Como teria sido possível levar o imperador romano a decretar o recenseamento a fim de que sua Mãe fosse obrigada a ir a Belém?

UM ARGUMENTO "AD-HOMINEM"

Agora, formulemos o argumento que os escolásticos chamam de "**ad-hominem**" — Se Jesus Cristo, a fim de "ajustar" sua vida ao predito pelos profetas, escolheu a família donde preferiu nascer; se elegeu Aquela que deveria ser sua Mãe; se determinou o lugar onde deveria vir ao mundo; se precisou a época, levando a orgulhosa Roma cumprir à risca a Profecia do recenseamento em fim, se realizou tantas maravilhas, a muitas delas, mesmo antes de nascer, é porque verdadeiramente é o Filho de Deus vivo!...

CONCLUSÃO: O VALOR DA PROVA HISTÓRICA

Na verdade, sendo a **Tradução dos Setenta,** um episódio da história profana, referida pelos historiadores anteriores a Cristo, serve de prova, junto aos incréus, de que, pelo menos, aquelas Profecias já existiam trezentos anos antes, quando foram traduzidas da lingua hebraica para a grega. Dessa forma, um acontecimento aparentemente tão banal e que, possivelmente, tenha até servido para acalentar a vaidade do soberano egípcio, graças aos disignios de Deus, serve hoje de argumento para confundir aqueles que se obstinam no erro e na má-fé.

Quero salientar, por fim, que somente o que acredita na Divindade de Cristo pode celebrar o Natal com verdadeiro espírito cristão. Aqueles para quem Jesus Cristo é pouco mais do que o "louro Rabi da Galiléia", um filantropo de espírito iluminado, um "mahatma" qualquer, esses comemoram o

Natal, como festejam o carnaval ou qualquer data que ofereça oportunidade a maior distração e entretenimento...

Aos cristãos de todos os tempos, porém, animam e consolam sobretudo estas palavras do Divino Mestre, dirigidas a seu discípulo Tomé "Bem-Aventurados aqueles que não viram e creram".

Natal de 1982.

Raimundo Aristides Ribeiro